



ABPMC
COMUNIDADE

Algumas reflexões sobre *bullying* no contexto esportivo

Greicy dos Anjos

Silvia Regina de Souza



O *bullying*, uma prática muito frequente nas escolas e muito nociva, tem chamado à atenção de educadores e da mídia. Diferentes comportamentos podem ser considerados manifestações dessa prática, por exemplo, agressões físicas, verbais etc. (Alckmin-Carvalho, Izbicki, Fernandes, & Melo, 2014). Identificar a ocorrência de episódios de *bullying* pode contribuir para uma intervenção mais efetiva. Para identificá-lo, é necessário conhecê-lo e saber sua definição, os atores envolvidos e que consequências acarreta a eles. Só assim se pode ajudar a encontrar meios de lidar com



esse fenômeno. Este artigo tem por finalidade apresentar algumas questões relacionadas ao *bullying* em um contexto particular, o esportivo.

A prática de esportes e de atividades físicas, quando bem orientada, pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, tais como: respeito ao próximo, *fair-play*, entre outros. Relatos de profissionais da área do esporte, atletas, ou praticantes de atividade físicas em academias ou escolas (aulas de Educação Física) referem que no esporte ou aulas de Educação Física ocorrem comportamentos reconhecidos como *bullying* (xingamentos, apelidos, exclusão etc.). Isso acontece, geralmente, em razão do clima de competição, da exigência de um repertório motor e comportamental mais desenvolvido e do despreparo dos professores/treinadores no trato com seus atletas/alunos praticantes de um esporte ou exercício físico.

Dá-se o nome de *bullying* às agressões verbais, psicológicas ou físicas que sucedem entre pares, por exemplo, entre atletas, entre alunos ou entre professores. Para serem considerados *bullying*, os comportamentos violentos devem ser intencionais, repetitivos, sem motivo aparente e envolver algum desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima (Olweus, 2011; Olweus, 2012). Ressalta-se, aqui, que para haver *bullying*, é necessário que comportamentos caracterizados como tal ocorram pelo menos duas vezes e com as mesmas características, ou seja, é necessário que os comportamentos se repitam ao longo do tempo.

O *bullying* pode ocorrer por violência física, agressões verbais (piadas, apelidos, xingamentos) e/ou violência psicológica pessoalmente ou via *internet*, o *cyberbullying*, sempre em relação a alguma característica ou falta de habilidade da vítima.

Caracterizam-se, como violência física, os comportamentos de chutar, empurrar, estapear, arremessar objetos, entre outros dirigidos à outra pessoa. A violência psicológica pode ocorrer quando se exclui de um grupo ou de uma ou mais atividades uma pessoa, rumores falsos ou maledicências.

O *cyberbullying* ocorre por meio de plataformas digitais, redes sociais, mídias digitais, em que a *internet* é a ferramenta utilizada. É uma forma de violência que ultrapassa os portões da escola (Garcia-Fernandez, Romera-Félix, & Ortega-Ruiz, 2016; Erdur-Baker, 2010) e, geralmente, acontece na publicação de conteúdos pessoais sobre colegas, exposição de conteúdo - fotografias e vídeos íntimos, por exemplo - rumores em plataformas digitais, entre outros.

É importante ressaltar que há diferenças na percepção dos tipos de violência, a violência física, por exemplo, é mais facilmente identificada por professores, pais, técnicos que a violência psicológica. Apesar disso, todas elas são sérias e tem efeitos de curto e longo prazo (Garcia-Fernandez, et al., 2016; Olweus, 2012; Williams, D’Affonseca, Correia, & Albuquerque, 2011).

Destaca-se ainda que para existir *bullying* é necessário que haja a participação ativa ou passiva de diferentes indivíduos: agressor, vítima, vítima-agressor e espectador (Olweus, 2012; Stelko-Pereira, & Williams, 2010; Bario, & Muelen, 2016). Os agressores são aqueles que realizam as ações negativas contra os pares, são os que abusam e assediam a vítima sistematicamente, por um certo tempo. Os agressores podem ser classificados em três categorias: os agressores que realizam as ações negativas contra os pares, os reforçadores e os assistentes (Albuquerque, et al., 2013).



Os reforçadores são os membros do grupo que auxiliam o agressor, perseguindo ou segurando a vítima e os assistentes são aqueles que reforçam o comportamento agressivo com palmas e risadas. Quanto aos efeitos sobre os diferentes indivíduos envolvidos em episódios de *bullying*, as pesquisas revelam que crianças agressoras têm maior probabilidade de se envolverem com grupos desviantes, de apresentarem dificuldade para se relacionar socialmente com outras pessoas e baixo rendimento acadêmico (Olweus, 2011).

Por sua vez, as vítimas, os que sofrem as agressões, têm maior probabilidade de apresentar isolamento social, baixo repertório de habilidades sociais, baixo rendimento acadêmico e de abandonar a escola. Por exemplo, a criança pode se recusar a ir para a escola, pedir para trocar de escola ou sala de aula sem motivo aparente e ter emoções negativas como choro e tristeza. Ao longo do tempo pode apresentar comportamentos rotulados como ansiedade, depressão e dificuldades de relacionar-se com outras pessoas (Stelko-Pereira, & Williams, 2010).

Além de vítimas e agressores, há a presença de espectadores. Há espectadores que não se envolvem com receio de se tornar as próximas vítimas e espectadores que auxiliam a vítima no processo de denunciar ou esquivar-se de situações de agressão. Por fim, há ainda pessoas que alternam o papel de vítima com o de agressor. Na maioria das vezes, esse é o papel que é assumido por quem se envolve em episódios de *bullying*, contribuindo para perpetuar o ciclo de violência.

Tendo em conta os prejuízos que os episódios de *bullying* podem ocasionar a todos os atores envolvidos, pesquisas têm sido conduzidas, muitas das quais no contexto



escolar (Olweus, 1995; Stelko-Pereira & Williams, 2010; Williams, D’Affonseca, Correia, & Albuquerque, 2011); poucas delas consideraram as aulas de Educação Física ou treinamento esportivo como um contexto específico para investigação (Teixeira, 2016; Botelho & Souza, 2007). Pesquisas conduzidas em aulas de Educação Física têm mostrado que episódios de violência entre pares, nesses ambientes, acontecem com mais frequência do que o esperado (Botelho & Souza, 2007; Vianna, Souza, & Reis, 2015).

O treinamento esportivo e as aulas de Educação Física têm potencial para desenvolver comportamentos importantes como o de respeitar o próximo e os relacionados ao *fair play*, também contribui para o desenvolvimento de tolerância à frustração caso um resultado seja desfavorável em um jogo ou competição, entre outros (Souza, et al., 2015; Weimer, 2014). Contudo, podem também ser ambientes propícios para a ocorrência de *bullying* devido ao clima de competição e à ausência de habilidades que contribuam para a prática de esporte. Muitas vezes, nos jogos e competições são exigidos comportamentos técnicos e táticos que, a depender do atleta/aluno, não foram desenvolvidos ou aperfeiçoados totalmente ocasionando erros ou falhas e, conseqüentemente, *bullying*. A capacitação de professores/treinadores para lidarem com esse tipo de situação é fundamental.

Relatos de figuras importantes do esporte que denunciam terem sofrido *bullying* podem ser encontrados na mídia. Por exemplo, o ginasta Diego Hypólito recentemente relatou em entrevista a um programa esportivo (Globo Esporte), que foi vítima de *bullying* e que os agressores eram seus colegas de equipe. O atleta afirmou ter sido vítima de humilhação e de outras formas de violência física como, por exemplo, ser



preso em ambientes claustrofóbicos. Afirmou, outrossim, que ainda hoje tem dificuldades de entrar em avião ou de ficar em ambientes fechados, por muito tempo, já que esse tipo de ambiente o faz lembrar das violências sofridas no passado (Assis, 2018).

Além de todas as consequências anteriormente citadas para os envolvidos com episódios de *bullying*, a violência sofrida pode levar a comportamentos de fuga e esquiva de contextos esportivos como, por exemplo, a interrupção da prática de exercício físico e/ou esporte. A prática de exercício físico auxilia no desenvolvimento de habilidades importantes como o controle corporal, o ganho de força, o aumento da massa muscular esquelética, além de benefícios relacionados à manutenção e ganho de saúde como resistência cardiorrespiratória, aumento da circulação sanguínea e fortalecimento dos músculos (Paes, Marins, & Andreazzi, 2015). A interrupção permanente desse tipo de atividade pode contribuir para problemas como obesidade e pressão alta.

Embora outros fatores que não o fato de ter sido vítima de *bullying*, possam levar um indivíduo a não praticar exercícios físicos ou esportes na vida adulta, os profissionais que atuam no contexto esportivo devem estar atentos e preparados para lidar com esse tipo de situação, caso ela ocorra. Conquanto não haja uma receita sobre como agir, pois cada situação é única, algumas dicas podem ajudar os profissionais que atuam nesse contexto a prevenirem a ocorrência de *bullying* ou o enfrentarem adequadamente.



ABPMC
COMUNIDADE

Primeiro, planeje suas aulas ou treinos de maneira que situações conflituosas ocorram com baixa frequência. Para tanto, estabeleça limites e use regras claras e objetivas. Sua atenção deve estar voltada para a preparação de atividades que tenham, como objetivo principal, o desenvolvimento de comportamentos de cooperação e respeito. Organize atividades das quais todos os alunos/atletas possam participar. Se os alunos/atletas tiverem dificuldades em realizar a tarefa proposta isso poderá ser motivo para que episódios de *bullying* ocorram. As tarefas devem ser desafiadoras para todos, o que pressupõe conhecer as habilidades de cada um de seus alunos/atletas e, na medida do possível, elaborar atividades individualizadas. Não espere que os alunos/atletas se saiam bem em uma atividade. É necessário criar condições para que isso ocorra ressaltando, para tanto, a importância do planejamento do ensino. Lembre-se que autoconfiança está relacionada a comportamentos bem-sucedidos. Por fim, estimule comportamentos de *fair play* ou jogo justo (Anjos & Souza, 2017).

Também é importante discutir com alunos/atletas sobre o que é *bullying*, quais são as consequências para os envolvidos nesses episódios e quais as formas de denunciar a ocorrência desse tipo de violência. Do mesmo modo é necessário orientar pais sobre como agir quando perceberem que seu filho ou filha é vítima de *bullying* ou age como agressor. Por fim, professores e treinadores devem estar atentos aos comportamentos de seus alunos/atletas que possam indicar a ocorrência desse tipo de violência nas aulas ou treinos. *Bullying* é algo sério que não pode ser considerado uma brincadeira entre pares e a prevenção é o melhor “remédio”.



Referências

- Albuquerque, P. P., Williams, L. C. A., & D’Affonseca, S. M. (2013) Efeitos tardios do *Bullying* e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: uma revisão crítica. *Psicologia: teoria e crítica*, 29(1), 91-98.
- Alckmin-Carvalho, F., Izbicki, S., Fernandes, L. F. B., & Melo, M. H. S. (2014). Estratégias e instrumentos para a identificação de *bullying* em estudos nacionais. *Avaliação Psicológica*, 13(3), 343-350.
- Anjos, G., & Souza, S. R. (2017). Bullying na educação física existe ou não existe? Eis a questão!. Retrived from:
<http://analisedocomportamentouel.blogspot.com/2017/07/bullying-na-educacao-fisica-existe-ou.html>
- Assis, J. (2018). Diego Hypolito revela que sofria *bullying* pesado na infância e técnicos sabiam. Retrived from: <https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/noticia/diego-hypolito-revela-que-ele-e-outros-atletas-sofriam-bullying-pesado-e-os-tecnicos-sabiam.ghtml>
- Bario, C., & Meulen, K. (2016). Maltrato por abuso de poder entre iguaes em el alumnado com discapacidad. *Pienseamiento Psicologico*, 14(1), 103-118. doi: 10.11144/Javerianacali.PPSI14-1.mapi
- Botelho, R. G., & Souza, J. M. C. (2007). *Bullying* e Educação Física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139, 58-70.



Ditch the Label (2018). *The Annual Bullying Survey*. Retrived from: <https://www.ditchthelabel.org/wp-content/uploads/2018/06/The-Annual-Bullying-Survey-2018-2.pdf>

Erdur-Baker, O. (2010). Cyberbullying and its correlation to traditional bullying gender and frequent and risky usage of internet-mediated communication tools. *New Media & Society*, 12(1), 109-125. doi: 10.1177/1461444809341260.

García-Fernandez, C. M., Romera-Félix, E. M., & Ortega-Ruiz, R. (2016). Relaciones entre el bullying y el cyberbullying: prevalencia y co-ocurrencia. *Pensamiento Psicológico*, 14(1), 49-61. doi: 10.11144/Javerianacali.PPSI14-1.rbcp.

Olweus, D. (1995). *Bullying or Peer abuse at school: Facts and Intevention*. Cambridge University Press.

Olweus, D. (2011). Bullying at school and later criminality: Findings from three Swedish Community sample of males. *Criminal Behavior and Mental Health*, 21, 151-156. doi: 10.1002/cbm.806]]

Olweus, D. (2012). School Bullying: development and some importante changes. *Reviews in advence*, 0(5),

Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. A. (2010). Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em Psicologia*, 18(1), 45-55.

Teixeira, R. A. (2016). *A mulher no futebol: o bullying e o cyberbullying no contexto de gênero*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista).



ABPMC
COMUNIDADE

Vianna, J. A., Souza, S. M., & Reis, K. P. (2015). *Bullying* nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio. *Ensaio: avaliação políticas públicas de Educação*, 23(86), 73-93.

Williams, L. C. A., D’Affonseca, S. M., Correia, T. A., Albuquerque, P. P. (2011) Efeitos a longo prazo de vitimização na escola. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4(2), 187-199.

Valente, J. (2018). Dia Mundial de Combate ao Sedentarismo alerta para a importância de exercícios. Retrived from <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/dia-mundial-de-combate-ao-sedentarismo-alerta-para-importancia-de-exercicios>

Paes, S. T., Marins, J. C. B., Andreazzi, A. E. (2015). Efeitos metabólicos do exercício físico na obesidade infantil: uma visão atual. *Revista Paulista de Pediatria*, 33(1), 122-129.

Weimer, W. R. (2014). Violência e *Bullying*: Manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, 36(1), 257-274.